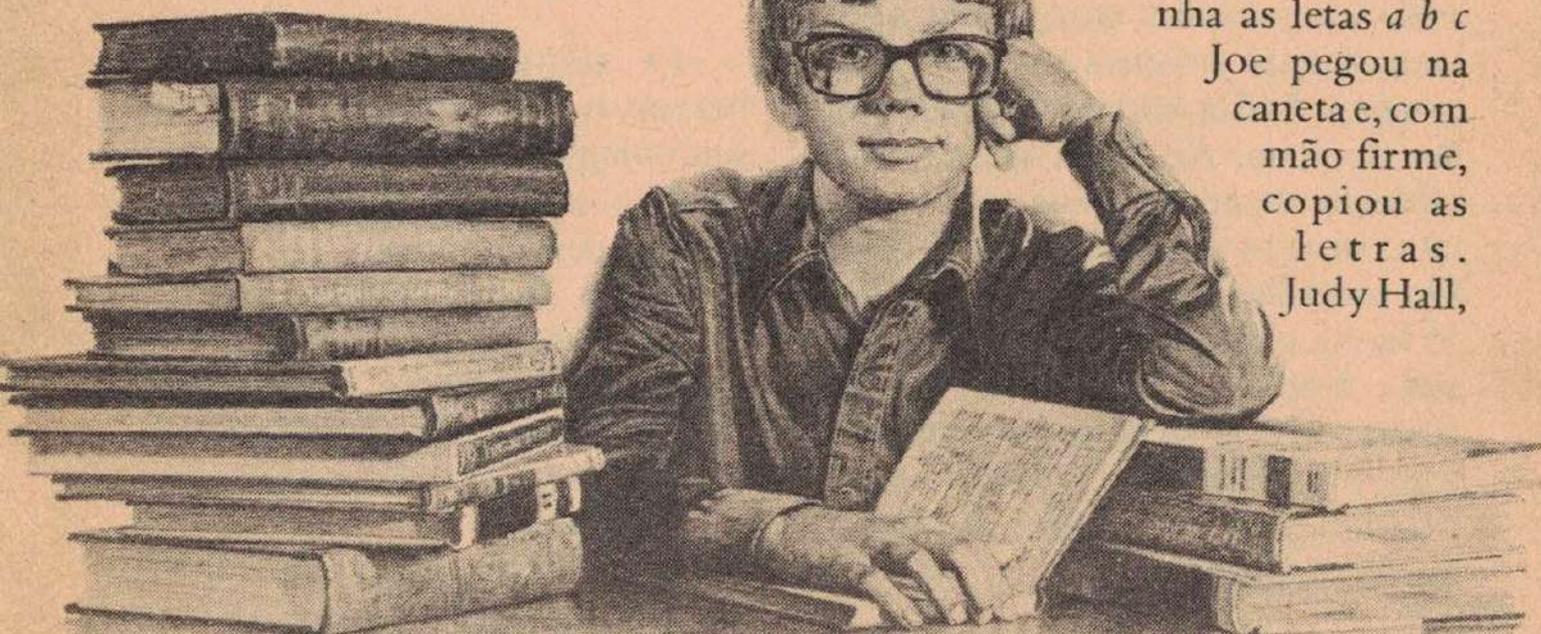


Um prodígio ameaçado



QUANDO há dez anos Jim e Judy Hall se mudaram com seu primogênito, Joe, para o calmo lugarejo de Plumtree na cordilheira das Montanhas Azuis, Carolina do Norte, esperavam gozar ali uma vida tranqüila, mas os mistérios fisiológicos que fazem surgir os gênios (na verdade o próprio milagre da vida) rapidamente alteraram seus planos. Aos 14 meses, Joe provocou-lhes a primeira surpresa. Engatinhando pelo assoalho, encontrou uma caneta de ponta de feltro que logo meteu na boca. Para lhe explicar que as canetas serviam para escrever e não para comer, sua mãe escreveu numa tabuinha as letas *a b c*. Joe pegou na caneta e, com mão firme, copiou as letras. Judy Hall,

Um gênio em potencial,
Joe sofria
também de uma doença grave

quase não acreditando no que acabava de presenciar, desenhou o alfabeto. Seu filho, para não ficar atrás, copiou tudo – letra por letra! Pouco depois, Joe estava escrevendo de cor todo o alfabeto.

Muito antes de completar dois anos, desenhou muito bem um gato e, sob a figura, escreveu g a t o. «Veja só isto aqui!» exclamou uma tia apontando aquele feito a uma professora primária que estava inspecionando. «Estou vendo», respondeu a professora, «mas, é claro que ele não pode fazer isso.» Era essa a reação habitual aos atos de Joseph Hall. As pessoas se recusavam a acreditar naquilo que elas próprias presenciavam ou ouviam.

Ao fim do seu terceiro ano de vida, Joe estava lendo tudo o que lhe caía ao alcance da mão, inclusive um livro de ciências do curso ginásial. Fazia também centenas de perguntas por minuto sobre seus temas preferidos: pesquisa espacial e eletrônica.

Orgulho e alarme. Com pouco, levado pelo instinto, Joe tinha descoberto o piano, e executava acordes e escalas. Seu pai, que era regente de uma banda de música, adiou a primeira lição de piano até a manhã do dia em que Joe completou cinco anos. Passados poucos meses, o menino-prodígio executava com maestria as obras mais simples de Bach, Beethoven e Mozart, e compunha ele próprio músicas bastante complicadas!

O orgulho que Jim e Judy sentiam começou então a ser ensombrado por uma verdadeira apreensão. Como poderiam orientar uma criança que física e emocionalmente tinha cinco anos, mas cujo

espírito já apresentava as características originais e inquiridoras de um cientista-artista adulto?

Um psicólogo amigo informou-os de que Joe poderia tornar-se um novo Mozart ou Einstein se, durante o período formativo, pudesse beneficiar de instrução *apropriada*, mas quem sabia que instrução era essa?

Um educador sugeriu que fossem morar numa grande cidade, onde disporiam de escolas para crianças superdotadas, e concluiu: «Num lugarejo como Plumtree, nada existe para uma criança como Joe.»

O casal Halls não concordou. «Aqui não há nada para Joe», protestou Judy, «exceto talvez a oportunidade única de que passe uma infância normal. Meu filho tem muito tempo para ser inteligente, mas pouco para ser criança.»

Então, inesperadamente, pareceu que a expectativa de vida de Joe poderia ser mais curta do que se calculava. Começou a sofrer de anemia profunda e tonteiras. O diagnóstico foi leucemia.

Aturdido, o casal Halls tentou ocultar de Joe os fatos sobre a doença, mas ele estudou a leucemia, e mais tarde até discutiu questões técnicas do seu tratamento com o Dr. Richard Patterson, diretor de um programa para tratamento do câncer em crianças, da Escola Médica Bowman Gray, em Winston-Salem.

Uma noite, a criança de cinco anos disse a sua mãe: «Penso que,

estatisticamente, minhas possibilidades de cura não são muito promissoras, não é?» Nessa mesma noite, e depois em muitas outras, Joe pediu à mãe que ficasse junto dele e lhe fizesse companhia até ele adormecer.

Agora a situação havia mudado. Os pais de Joe achavam que ele deveria viver e aprender tanto quanto possível e no mais curto espaço de tempo, mas, tal como os pais de outras crianças-prodígios, não tardou que descobrissem que ainda existe relativamente pouca ajuda financeira e psicológica para as crianças superdotadas.

Receando que Joe, que desejava ardentemente ir para a escola, não vivesse até os seis anos, Judy conseguiu uma autorização especial para que seu filho, ainda com cinco anos, freqüentasse como «ouvinte» as aulas do primeiro ano primário, mas Joe, que era nessa altura um ávido estudante de astronomia, quase chorou de aborrecimento.

Fora da escala. Judy esforçou-se para que Joe fosse transferido para outra escola e ingressasse no segundo ano. Ele gostou da nova professora, Lola Young, que o deixava falar à classe sobre as maravilhas dos planetas e das estrelas. Quando foram conhecidos os resultados de um teste normal de inteligência, os habitantes de Plumtree, alguns deles avessos a «Meninos Sabe Tudo», compreenderam que entre eles vivia um prodígio. Quase todos os peritos con-

sideram que um valor de 175 ou de 180 de Q. I. é uma indicação de inteligência excepcional. O resultado de Joe ultrapassou a escala do teste e foi-lhe marcado um Q. I. de 200.

«Isso significa que, no campo intelectual, esse menino-prodígio é talvez mais raro do que um fenômeno que aconteça uma vez em um milhão», comentou mais tarde Richard Stahl, diretor do programa da Universidade Estadual dos Apalaches para crianças talentosas e excepcionalmente dotadas.

Enquanto isso, Jim e Judy Hall, que havia muito se interrogavam por que eles tinham tido uma criança como Joe, estavam aprendendo alguns fatos interessantes, se bem que não muito úteis, sobre o talento:

- Um gênio pode ser descrito como um indivíduo cujos genes e substâncias químicas de controle se colocam favoravelmente durante a concepção, fazendo aglutinar as capacidades mais elevadas de seus pais e antepassados e tornando possível que ele se distinga no ambiente apropriado.

- Os gênios em potencial são muitas vezes primogênitos (como Joe) ou descendentes de pelo menos um progenitor «mais velho» (Jim tinha 35 anos quando Joe foi concebido).

- A genialidade surge em famílias de todas as classes, raças ou estratos sociais.

- Quando a inteligência de uma criança atinge um Q. I. de 180 ou

mais, esta, provavelmente, começará sofrendo por ser «demasiado diferente» e se sentirá impossibilitada de preencher suas brilhantes faculdades; se não conseguir se beneficiar de uma educação acelerada, fica abandonada em programas especiais de enriquecimento dos graus normais de educação ou é posta em contato com cérebros tão brilhantes como o seu.

A sombra da leucemia. Os pais de Joe tudo faziam para tornar interessante a vida de seu filho-prodígio gravemente doente. Esticando ainda mais um orçamento familiar debilitado pelas despesas com tratamento médico, compraram-lhe *alguns* dos livros que ele pedia insistentemente, o melhor laboratório portátil que encontraram e um magnífico piano de cauda novo em folha. Para equilibrar sua situação financeira, Jim passou a fazer criação de animais e a plantar a maior parte das verduras de que a família se alimentava; Judy encheu centenas de recipientes com conservas caseiras.

No intervalo das crises provocadas pela doença, Joe, com seis anos, tornou-se um pianista assíduo nos concertos da banda que seu pai regia. Ganhou também um concurso para novos compositores com uma impressionante composição sua que intitulou de «Cinco Mil Milhas do Universo».

Quando um repórter lhe perguntou «Que é que você quer ser quando crescer?» o menino respondeu que não sabia, acrescen-

tando depois calmamente: «Não estou muito certo se serei alguma coisa.»

A saúde de Joe piorou durante o seu sexto verão. Quase sempre doente, ele ficou inquieto como um animal enjaulado. Lera já todos os livros da biblioteca local e pedia constantemente mais material de leitura, que a família não tinha possibilidade de adquirir. Desesperada, Judy lançou um s.o.s. ao Exército, à Marinha, à Força Aérea, à N.A.S.A. (Administração Nacional de Aeronáutica e Espaço) e ao *Reader's Digest*. «Têm alguma literatura técnica que possam enviar para Joe?» escreveu ela. «Qualquer coisa serve!»

Uma semana mais tarde, uma viatura do exército estacionou à porta do casal Hall, dela saindo três funcionários, vacilando sob o peso de 180 quilos de manuais sobre os mais diversos assuntos, desde o programa espacial até a luta de guerrilhas.

Joe ficou em êxtase e, durante algum tempo, também sua mãe. «Pensei que 180 quilos de livros seriam suficientes para ele durante o verão», confessou ela. Joe, porém, leu tudo aquilo em três semanas. Reimpressões de artigos científicos do *Reader's Digest* e folhetos da N.A.S.A. e da Comissão de Energia Atômica foram rapidamente devorados.

Em março de 1975, Wernher von Braun, cientista espacial, mandou para Joe um exemplar de seu livro *History of Rocketry and Space*

Travel. Com enorme satisfação, o menino leu rapidamente a obra e descobriu um erro. «Se o Saturno tivesse sido propulsado por motores J-2», escreveu ele a Von Braun, «nunca teria decolado da rampa de lançamentos.» O grande cientista agradeceu-lhe: «Você descobriu um erro que passou pela mais cuidadosa revisão!»

Nesse verão, o casal Hall recebeu a visita de outro jovem superdotado – Pat Gunkel, de 29 anos, investigador do Instituto Hudson de Nova York (centro de estudos teóricos especializados sobre problemas da cultura, da sociedade e da pesquisa científica e tecnológica). «Conversa?» recorda Judy Hall, feliz. «Você devia ter ouvido aqueles dois discutindo sobre galáxias, tempo, relatividade e eternidade. Era como se ainda nenhum deles tivesse até então encontrado alguém com quem conversar!»

Um lugar para Joe. Foi então que a mãe de Joe ouviu falar de uma nova escola para crianças superdotadas, situada em Boone, a apenas 63 quilômetros de Plumtree e patrocinada pela Universidade Estadual dos Apalaches. O programa didático avançado que ali se ministrava oferecia cursos de características universitárias durante seis sábados consecutivos. Apesar de ter capacidade limitada, veio preencher uma necessidade local tão premente que 580 jovens de nove condados limítrofes, que freqüentavam desde o pré-

-primário até o nono grau do ensino oficial, foram logo admitidos. «O raciocínio de Joe», confessou o diretor Richard Stahl, «estava simplesmente demasiado avançado em relação à maioria dos outros alunos da escola. Seu espírito explodia num interesse por mil assuntos e, nas classes que escolhia, Joe produzia um efeito demolidor semelhante ao de uma bomba.»

Procurando um lugar onde Joe pudesse se adaptar, Stahl colocou-o numa turma de astronomia do segundo ano da escola preparatória. Isso, porém, também não deu resultado. «Escute aqui!» disse-lhe um dos alunos. «O segundo ano de astronomia é pouco para um rapaz assim. O lugar dele é na universidade.»

Por fim, Joe, hoje com dez anos, voltou para Plumtree, onde recentemente o encontrei – um menino franzino e voluntarioso, cujos inteligentes olhos azuis cintilam maliciosamente por trás dos óculos de aros de tartaruga.

Confidenciou-nos sua convicção de que os discos-voadores existem e são tripulados por robôs. Seu quarto, cheio de engenhocas, serve de quartel-general do Comitê de Pesquisa e Investigação de Objetos Voadores Não Identificados (O.V.N.I.) Joseph Hall. O «comitê», constituído por uma só pessoa, envia um primoroso questionário técnico mimeografado para todas as pessoas do mundo que tenham assinalado um O.V.N.I. Joe já recebeu grande

quantidade de questionários preenchidos – e ainda cerca de duas mil cartas de outras crianças-prodígios ou de seus pais.

O menino continua com bastantes problemas. Apesar de ter sido autorizado a avançar dois anos na escola, terá de freqüentar uma turma do sexto grau, cujas matérias estão 10 ou 12 anos aquém da sua capacidade intelectual. Isto é, nos assuntos de que Joe gosta; naqueles que despreza, classificando-os de «sem importância», ele não é melhor que os colegas menos dotados

Apesar de tudo isto, Joe é tão normal quanto pode ser um gênio em potencial. Gosta de correr pelos bosques, jogar beisebol, atormentar os três irmãos mais novos e ser irritado por eles. Manifesta um entusiasmo exuberante por seus pais, seus amigos e seu cão. Em outras palavras, Joe está go-

zando uma infância feliz e, como sua mãe salienta, «ninguém lhe pode tirar isso».

Jim e Judy também acham que, se seu filho não tivesse o estímulo extra, a coragem e a energia que são o legado das crianças-prodígios, não teria vencido, até agora, a batalha contra a leucemia. O Dr. Patterson acrescenta: «Das várias centenas de crianças que tenho tratado, Joe é uma das oito ou dez cuja doença se encontra em remissão há cinco anos ou mais.»

Em face disso, qualquer especulação sobre se Joe virá a ser um grande músico ou um astrônomo se torna insignificante. «Seja qual for o futuro que nos espera», disse Judy Hall serenamente, «Jim e eu já desfrutamos a companhia de Joe o tempo suficiente para nos considerarmos gratos por esse milagre pela maravilha singular, pelas alegrias e desafios que nos trouxe.»



Ao lhe perguntarem qual destas três qualidades (riqueza, trabalho árduo ou inteligência) era essencial ao sucesso, Victor Hugo respondeu simplesmente: «Quando você anda num triciclo, qual das rodas é a mais importante?»

– *Noir et Blanc*, França

A PRESIDENTE do clube feminino disse para o conferencista, quando este terminou: «Ficamos todas muito impressionadas, professor, com a análise objetiva que o senhor fez da crise econômica... e aliviadas por saber que o professor está confuso como nós.»

– F. N. S.

QUANDO disseram a Winston Churchill que os sociólogos previam que as mulheres estariam governando o mundo por volta do ano 2000, ele, piscando o olho, observou: «Ainda?»

– J. Gustav White